

ポスター発表

179

Japonês sem fronteiras (jsf) na universidade federal do paraná

Mariana Fante Manfrin / Patrícia Novelini dos Santos, Universidade Federal do Paraná

JAPONÊS SEM FRONTEIRAS (JsF) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Mariana Fante Manfrin (UFPR)
Patrícia Novelini dos Santos (UFPR)

Resumo: O “Japonês sem Fronteiras”, doravante JsF, iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2016 como curso piloto de japonês, e era voltado a alunos da UFPR que tinham o Japão como destino para o Programa Ciências sem Fronteiras. Com o apoio da Fundação Japão, o curso do JsF tem como foco principal a compreensão e a expressão oral em língua japonesa e, para tanto, é utilizado o livro “Marugoto - língua e cultura do Japão”. Atualmente o JsF está em sua quinta edição com uma turma em cada período: manhã, tarde e noite. As aulas acontecem duas vezes por semana com duas horas de duração cada, ou uma vez com quatro horas. A partir de 2017, o JsF deixou de ser um curso voltado apenas ao público do Ciências sem Fronteiras, tornando-se um curso de sensibilização de língua e cultura japonesa para todos com intenção de estudar no Japão.

Palavras-chave: Idiomas sem Fronteiras, Japonês sem Fronteiras, UFPR, Marugoto

1. Introdução

Este trabalho teve como objetivo explicar sobre o material didático “Marugoto - língua e cultura do Japão”, doravante “Marugoto”, criado e publicado pela Fundação Japão, e sobre as aulas realizadas no programa Japonês sem Fronteiras da Universidade Federal do Paraná, utilizando o material acima citado.

2. Idiomas sem Fronteiras

O “Idiomas sem Fronteiras”, doravante IsF, é um programa que foi desenvolvido pelo Ministério da Educação e tem como objetivo proporcionar oportunidade de acesso ao estudo de idiomas estrangeiros à comunidade acadêmica, propiciando uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades federais do país. O programa mantém ofertas regulares do curso de língua inglesa, e ofereceu um curso piloto de língua japonesa em 2016. Em de 2017, a língua japonesa passou a fazer parte desse programa oficialmente.

2.1 Japonês sem Fronteiras

O “Japonês sem Fronteiras”, doravante JsF, é subsidiado pela Fundação Japão e coordenado por representantes do IsF para o idioma japonês em cinco universidades federais do Brasil. São elas: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Brasília (UnB), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

3. Turmas

Como já citado acima, as turmas do JsF tiveram início no primeiro semestre de 2016. Inicialmente, todas as inscrições dos alunos eram feitas manualmente pela equipe do JsF, até o momento em que foi conquistado o apoio do MEC, e as inscrições passaram a ser realizadas através do sistema online do IsF. Originalmente, o curso foi aberto apenas

aos alunos dos cursos elegíveis ao programa Ciências sem Fronteiras. Porém, para o segundo semestre de 2016, alunos de todos os cursos puderam se inscrever para as aulas. Em todas as ofertas foram abertas três turmas (manhã, tarde e noite) com capacidade máxima para vinte alunos.

Na primeira oferta a lista de espera para participar do programa ultrapassava cem pessoas. Foram feitas, no total, quatro chamadas para as vagas remanescentes. Ainda neste primeiro piloto, a turma com maior comparecimento de alunos foi a da noite, e a com menor comparecimento, a da tarde. As aulas foram realizadas no Campus Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná, localizado no bairro Jardim das Américas, na cidade de Curitiba. Esse campus foi escolhido por nele existir uma maior concentração dos cursos elegíveis para o programa Ciências sem Fronteiras.

4. Material didático: “Marugoto”

O material utilizado nas aulas do JsF é o livro “Marugoto”, criado e publicado pela Fundação Japão, que foi elaborado pensando nas necessidades básicas para a comunicação diária que o aluno aprendiz poderia ter no Japão. O material foi desenvolvido nos moldes do *JF Standard*, baseado no Quadro Comum de Referência Europeu. O QCRE trabalha com a divisão por níveis de conhecimento, os quais são baseados em capacidades, denominadas no livro “Marugoto” como “*can do*”. A divisão por níveis é feita da seguinte maneira: A1, A2, B1, B2, C1 e C2, onde o nível A1 é o mais básico, e o nível C2 o mais avançado. Os livros de nível básico do “Marugoto”, além da divisão por níveis, também possui uma divisão interna. Cada nível possui dois livros. São eles: *rikai* (compreensão) e *katsudô* (atividades). No livro *rikai* encontram-se algumas breves explicações gramaticais, além de alguns exercícios de escrita, muitos áudios e textos curtos para a prática de leitura. Para as aulas do JsF, utiliza-se apenas o livro *katsudô*, por ser focado na compreensão oral, com muitos áudios e momentos em que os alunos devem praticar a conversação com os colegas em sala de aula.

5. As aulas

A carga horária das aulas e o total de horas que os cursos do IsF possuem podem variar entre 16, 32 ou 48 horas. No caso do primeiro piloto de língua japonesa, este contou com uma carga horária de quarenta horas e todos os nove tópicos presentes no livro “Marugoto” foram trabalhados com os alunos em sala, cada um em dois encontros semanais com duração de duas horas cada, em um total de 20 aulas. Porém, após seu término, em uma reunião entre o coordenador do curso, a professora supervisora e a monitora¹, concluiu-se que o tempo para que os alunos assimilassem o conteúdo não estava sendo suficiente, e para a segunda oferta, que ocorreria no segundo semestre do mesmo ano, a carga horária passou a ser de 48 horas. Com isso, foi possível adicionar ao cronograma aulas dinâmicas para uma melhor fixação dos conteúdos aprendidos.

6. Dinâmicas das aulas

Como citado anteriormente, a primeira oferta do curso de japonês pelo IsF tinha caráter de curso piloto, e por conta disso foi trabalhado em sala apenas o que continha no livro. Porém, percebeu-se que a prática realizada era insuficiente, e para a segunda oferta foram adicionadas aulas onde os alunos não eram expostos a conteúdo novo, e

¹ O termo “monitor” corresponde à palavra “*tutor*” (“*chuutaa*”) em japonês.

sim, praticavam de forma mais lúdica os conteúdos já abordados em sala. Foram estas aulas especiais que ocuparam as oito horas adicionadas à carga horária do curso.

6.1 Atividades extras - *Tokubetsu katsudô*

Com oito horas a mais na carga horária do curso foi possível incluir quatro aulas, sendo elas utilizadas para realizar atividades onde os alunos praticam com mais tempo o conteúdo assimilado até o momento. As estratégias utilizadas foram jogos de tabuleiro (*sugoroku*), imagem e ação, jogo da memória e *karuta-tori*.

O jogo da memória geralmente é utilizado para os alunos memorizarem os alfabetos japoneses *hiragana* e *katakana*. Enquanto estão aprendendo o *hiragana*, o jogo da memória é feito utilizando cards de *hiragana* e *rômaji*, onde os alunos devem virar uma carta de cada alfabeto formando pares. Por exemplo, se virar a carta com o “a” em *rômaji*, a próxima deverá ser a carta que tem o “a” em *hiragana*. Após a memorização do *katakana* são utilizadas as cartas de *hiragana* e *katakana* da mesma forma, se o aluno pegar uma carta em *hiragana*, deverá achar a mesma letra, mas correspondente em *katakana* para formar um par.

O *karuta-tori* também é utilizado no período de memorização do *hiragana* e do *katakana*, e para os alunos treinarem a leitura de palavras. Após introduzir certo número de letras, não necessariamente todo o alfabeto, o professor coloca cartas com as letras sobre uma mesa e fala uma por uma, para os alunos pegarem a carta correspondente. Pega a carta quem é mais rápido, então os alunos geralmente empolgam-se durante o jogo. No caso do *karuta-tori* com palavras, depende do objetivo do professor quais palavras serão usadas. Se o objetivo maior for somente reconhecer as letras, são usadas palavras com as letras vistas até o momento, e os alunos não precisam necessariamente saber o que cada palavra significa. Se o intuito for fazer uma revisão para a avaliação, são usadas palavras do livro, que os alunos já estudaram e tem familiaridade, de forma que devam tanto reconhecer a leitura quanto o significado.

No caso do jogo de tabuleiro, *sugoroku*, temos mais possibilidades de utilização. Numa delas mesclamos praticamente todo o conteúdo da apostila, e funciona como um jogo de tabuleiro normal, porém com regras adaptadas. O aluno lança primeiramente o dado para saber quantas casas poderá avançar e depois ele retira do monte uma carta, onde está escrito o que deverá ser feito. Nas cartas há instruções em português de diálogos a serem feitos (Ex.: combine com seu amigo onde irão comer; conte-nos qual é seu hobby e pergunte o de alguém), palavras ou expressões-chave do livro a serem traduzidas (Ex.: “bom dia”; “não sei”; “fale mais devagar, por favor”), etc. Caso consiga cumprir a demanda da carta, o aluno avança o número de casas do dado e passa a vez para o próximo. Caso não consiga ou erre, ele não avança as casas e passa a vez ao próximo. Existem cartas com tarefas que o aluno consegue cumprir sozinho e cartas onde ele precisa interagir com os colegas, geralmente através de diálogos. Para animar um pouco mais o jogo, colocamos junto às cartas do conteúdo, cartas que exigem imitação de animais como galinha, cachorro, gato, etc. e cartas do tipo “avance 2 casas”, “volte 3 casas”, “descanse uma rodada”. Outra forma de utilizar o tabuleiro é com cartões de *hiragana*, *katakana* ou palavras, onde invés de cumprir as exigências dos cartões, o aluno deve simplesmente ler a letra ou palavra da carta que pegou para avançar as casas.

Para o jogo imagem e ação, selecionamos diversas palavras e expressões chave do material e as escrevemos em pequenos papéis, que ficam dentro de um saquinho ou embaralhados em forma de monte. Nesta atividade a turma é dividida em grupos –

geralmente dois – e cada um deles escolhe um nome, que é escrito no quadro para possibilitar a atribuição de pontos. Cada time seleciona um colega para ir representá-lo na frente e desenhar ou fazer gestos das palavras e expressões retiradas do saquinho na hora da atividade. Geralmente, vários alunos de cada grupo vão à frente da sala de forma intercalada, e cada um fica três minutos desenhando e fazendo gestos para seu time dizer a palavra correspondente. Durante os três minutos, o grupo deve adivinhar o máximo de palavras que conseguir, quanto mais palavras adivinhar, mais pontos ganha. No final, o time com mais pontos ganha o jogo. Neste tipo de jogo encontramos um pouco de resistência de alguns alunos, ou por não saberem desenhar ou por acharem difícil representar algumas situações, mas, no geral, as turmas acabam por gostar mais desta dinâmica do que das outras.

No caso de o número de alunos ser grande – seis ou mais – alguns jogos são realizados com a turma dividida em grupos, de modo que não tome muito tempo da aula. É o caso do jogo da memória e os jogos de tabuleiro. No segundo, também tomamos cuidado com o número de casas, pois se tiver mais de quinze é provável que a atividade acabe estendendo-se mais do que o desejado. Além de reduzir o tempo de duração das atividades, a separação da turma pode promover uma competição entre os grupos formados, motivando o trabalho em equipe e estimulando o espírito competitivo dos alunos.

6.2 Cotidiano e cultura - *Seikatsu to bunka*

No livro *katsudô* do material “Marugoto”, ao final de cada tópico existe uma página com o título “*seikatsu to bunka*”, trazendo aspectos mais ligados à cultura e vida cotidiana do Japão e dos japoneses. Particularmente, achamos esta a parte mais difícil de trabalhar dentro do material, pois muitas vezes não sabemos como abordar os temas de forma efetiva e divertida para os alunos no tempo proposto: quinze minutos.

Durante os cursos piloto era comum acontecer de o professor somente comentar sobre os temas e solicitar a opinião dos alunos. Mas dessa forma, a atividade com maior potencial de interação em sala acabava sendo muito rápida ou tornando-se monótona, principalmente quando os alunos não tinham muito conhecimento sobre o assunto e o professor precisava dar as informações de forma unilateral.

Após um curso ofertado pela Fundação Japão aos monitores de todas as universidades participantes do Japonês sem fronteiras no Brasil, percebemos que não é necessário abordar tudo o que aparece na folha do *seikatsu to bunka*, principalmente devido ao tempo limitado. É preciso restringir o tema em um ponto interessante aos alunos e fazê-los refletir sobre a importância e/ou significado deste dentro da sociedade japonesa. Não é uma tarefa simples, mas dá ampla gama de possibilidades de manipulação de conteúdo, como *quiz*, mostra de imagens e vídeos, exposição de informações relacionadas, etc.

7. Avaliações

O material “Marugoto” sugere que sejam realizadas duas avaliações durante a exposição do conteúdo completo do livro e, no próprio material, encontramos uma sugestão de como as avaliações podem ser feitas. De maneira geral, o material divide a avaliação em três etapas: em 15 minutos, os alunos fazem uma verificação das capacidades (*can do check*), nos próximos 80 minutos, enquanto praticam conversação em grupos, devem ser chamados individualmente para responderem a algumas

perguntas e, por último, os grupos conversam entre si durante 25 minutos. Tudo isso sendo mediado e avaliado pelo monitor da turma.

Na primeira oferta do curso tentou-se fazer exatamente como o livro sugeria, porém, não obtivemos bons resultados, pois os alunos se sentiram muito pressionados, talvez pela falta de costume em participar de provas orais em cursos de língua estrangeira. Após a primeira avaliação no curso piloto, muitos acabaram por não aparecer mais nas aulas, acreditando que tiveram mal desempenho na prova, mesmo antes de saber o resultado.

Diante disso, para a segunda avaliação do primeiro piloto, em reunião com o coordenador e a supervisora do projeto, foi decidido por alterar a maneira como a avaliação seria realizada. A nova forma de avaliar está sendo feita até então da seguinte forma: a turma é dividida em grupos e cada grupo escolhe, aleatoriamente e sem ler, *cards* onde estão descritas situações que o grupo deverá representar. Inicialmente, é atribuído aos grupos 30 minutos para que preparem-se para a apresentação dos *can dos* (nas cartas também tem escrito o número dos *can dos* correspondentes). Enquanto os grupos trabalham nisso, os alunos, são chamados individualmente em um canto afastado da sala para que possam fazer a avaliação individual. Nesse momento, a forma de avaliação permanece a mesma sugerida no livro: os alunos deverão ler palavras em *hiragana* e *katakana* e responder as perguntas realizadas pelo monitor. A única alteração feita nesta parte é que somente é solicitada a leitura do *katakana* na segunda avaliação, pois não temos tempo hábil durante as aulas para ensinar os dois alfabetos a tempo da primeira avaliação. Assim que todos os alunos passarem pela parte de perguntas individuais, é atribuído um pouco mais de tempo aos grupos, caso precisem para terminar de preparar e treinar para as representações. Durante o preparo, os alunos podem consultar o material e suas anotações pessoais, mas no momento da apresentação não permitimos a utilização de material algum, ou seja, os alunos precisam memorizar as falas e as situações para poder representar depois.

Os pontos avaliados na parte individual são a fluidez na leitura das palavras, a compreensão da pergunta e se a resposta dada é coerente. Também é avaliado se o aluno utiliza estratégias comunicativas em japonês durante sua fala, como pedir para repetir, falar mais devagar ou dizer que não compreendeu a pergunta feita. Nas dinâmicas em grupo estas estratégias também são avaliadas, assim como a pronúncia e a fluidez da fala.

8. Considerações finais

O livro “Marugoto” é um material eficiente quando se trabalha com a proposta apresentada por ele. O que acreditamos dificultar o trabalho dos monitores, na opinião das autoras, além da falta de mais tempo para que os alunos possam assimilar melhor o conteúdo durante as aulas, é também, muitas vezes, a pouca dedicação de alguns alunos em aprender ou praticar o que é proposto em sala. Muitas vezes o tempo atribuído para a prática parece ser o suficiente, porém, quando nos damos conta, os alunos já estão dispersos conversando sobre outros assuntos, e não praticando a expressão oral. Para tentar amenizar essa situação, a partir da segunda oferta, passou-se a utilizar no momento da prática oral, cartões onde estão escritas palavras diferentes, que existem ou não no livro base, para que os alunos continuem praticando e não se percam em conversas paralelas. Outro fator que afeta é a relativa evasão dos alunos, principalmente após a primeira avaliação. Apesar de ser frisado em sala que o desempenho na avaliação não é critério para eliminação, muitos acabam por acreditar que não foram capazes de se

expressar bem durante a avaliação e na aula seguinte a essa, acabam por não retornar às aulas. Percebendo essa tendência, os monitores passaram a solicitar que os alunos realizem pequenas atividades extras, que são utilizadas para abonar algumas faltas ou para acrescentar pontos a mais na média final.

O curso de japonês do “Idiomas sem Fronteiras” tem uma proposta que acreditamos ser relevante e útil aos alunos, pois é um curso com foco na compreensão e expressão oral, o que dificilmente é encontrado nos cursos de língua nas escolas particulares. Porém, uma reflexão após tantas ofertas é que os alunos buscam sim, um curso com mais foco na expressão oral, porém não somente nela, e não são poucos os que comentam, ao final das aulas, que sentiram falta de alguma explicação gramatical, por menor e mais simples que seja.

Não apenas isso, assim como em todo curso, é necessário que os alunos também se dediquem o mínimo possível para que consigam se expressar utilizando a língua japonesa. De maneira geral, como não estamos imersos em um ambiente onde temos contato direto com a língua, por mais que sejam quatro horas de aulas semanais, muitos acabam por não praticar fora da sala de aula, ou não possuem contato com material autêntico, seja ouvindo música ou assistindo a *anime*, o que torna o aprendizado muito mais demorado, e acreditamos que isso valha para qualquer língua estrangeira.

9. Referências:

JAPAN FOUNDATION – SÃO PAULO. **Curso Marugoto**. Disponível em:

<<http://fjsp.org.br/marugoto/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MARUGOTO. Disponível em: <<https://www.marugoto.org/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Idiomas sem Fronteiras**. Disponível em:

<<http://isf.mec.gov.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.